

O prefácio à tradução russa do Manifesto Comunista e a Rússia no fim do século: de bastião do conservadorismo a vanguarda revolucionária

Por Gabriella M. Segantini Souza

Resumo: O artigo busca analisar o tratamento de Marx e Engels sobre a questão russa no prefácio escrito pelos autores em 1882 para a segunda tradução russa do *Manifesto Comunista*, elaborada por Gueorgui Plekhanov. Nosso objetivo é elucidar a visão comum de Marx e Engels sobre o movimento revolucionário russo no final do século XIX e como ele havia progredido entre o final do ano de 1847, quando o *Manifesto Comunista* foi escrito, a década de 1860, quando foi feita a primeira tradução do texto para o russo, e 1882, data do prefácio escrito por Marx e Engels. Trataremos ainda da perspectiva dos autores para uma revolução na Rússia em 1882 e o que eles tinham a dizer sobre qual haveria de ser a relação entre o movimento revolucionário russo e o movimento proletário no Ocidente, assim podendo esclarecer algo sobre a concepção de Marx e de Engels sobre a relação entre os diferentes movimentos revolucionários nacionais no contexto de uma revolução comunista.

Palavras chave: Marx; Engels; Rússia; Manifesto Comunista; comuna agrária russa; revolução.

Abstract: The paper aims to analyze Marx and Engels approach to the Russian question in the 1882 preface they wrote for the second Russian translation of the *Communist Manifesto*, prepared by Gueorgui Plekhanov. Our goal is to elucidate the common view held by Marx and Engels of the Russian revolutionary movement during the late nineteenth century and how it had progressed between the end of the year 1847, when the *Communist Manifesto* was written, and 1882, when the preface was written. We will also discuss the authors' perspective on a revolution in Russia in 1882 and what they had to say about what should be the relationship between the Russian revolutionary movement and the proletarian movement in the West. This will be able to clarify something about the conception of Marx and Engels on the connections between the national revolutionay movements in the overall context of a communist revolution.

Key words: Marx; Engels; Russia; Communist Manifesto; Russian agrarian commune; revolution.

Foi Bakunin o primeiro tradutor do *Manifesto*, ainda na década de 1860. Aquela primeira tradução, elaborada pelo anarquista russo, foi publicada no *Kolokol*, o jornal editado por Herzen e Nikolai Ogarev em Londres. Aquela era uma época de grandes transformações na sociedade russa, em razão da Reforma de 1861, que aboliu a servidão na Rússia, mas jogou a grande massa dos ex-servos em uma condição de miséria e endividamento que muitos talvez teriam preferido permanecer servos (cf. Robinson, 1932; Marx, 2020; Trotsky, 2006). A esperança dos revolucionários russos — e talvez até mesmo de Marx (Marx In. MECW v. 16, 2010a, p. 53; Marx In. MECW v. 40, 2010b, p. 552; Marx In. MECW v. 41, 2010b, p. 4) — era que os camponeses inflamados pelas promessas não cumpridas pelo tsar sobre a abolição da servidão certamente provocaria um levante revolucionário na Rússia contra o tsarismo. Contudo, apesar de várias revoltas camponesas isoladas terem brotado pelo Império Russo à época da Reforma de 1861 (Venturi, 1960, pp. 215-219; Herzen, 2013, p. 166), a insatisfação dos ex-servos com os termos de sua recém adquirida liberdade nunca chegou a evoluir para um movimento revolucionário contra o tsar e a nobreza.

Duas décadas depois, quando ambos Herzen e Bakunin já estavam mortos e a produção capitalista avançava na Rússia, entre os anos de 1881 e 1882, Gueorgui Plekhanov, que se aproximava cada vez do marxismo¹, decidiu que era tempo para uma nova tradução do texto para o russo. Em meio à nova guinada reacionária do tsarismo depois do assassinato de Alexandre II em março de 1881, o chamado ‘pai do marxismo russo’ julgava que era novamente necessário que o *Manifesto* voltasse a circular entre os russos. Em janeiro de 1882, a pedido de Plekhanov, Pyotr Lavrov enviou uma carta a Marx pedindo que ele e Engels escrevessem um prefácio para o texto, pedido ao qual os autores alemães logo atenderam. Datado do dia 21 de janeiro de 1882, o prefácio foi enviado em alemão a Lavrov no dia 23 daquele mês. Em fevereiro de 1882, o texto traduzido em russo foi publicado pela primeira vez na revista *Narodnaia volia*.

Marx e Engels iniciam o prefácio lembrando seus leitores daquela primeira tradução do *Manifesto*, feita por Bakunin na década de 1860. Naquela época, como frisam os autores, o texto parecia ser algo mais próximo de uma curiosidade literária para a Rússia do que uma obra que viria a ter alguma relevância prática naquela terra de tsares. Isso na medida que, em 1860, o movimento socialista russo ainda estava em sua infância, marcado principalmente pelas manifestações literária de críticos como Tchernichevsky, Dobrolyubov, Herzen e Ogarev, existindo alguns poucos grupos revolucionários isolados, como a primeira *Zemlia i volia*. A perspectiva de uma revolução socialista na Rússia parecia então um sonho. Já em 1882, manter “tal concepção seria impossível” (Marx & Engels In. Marx & Engels, 2013, p. 102).

Sobre a Rússia na época em que o *Manifesto Comunista* foi escrito, às vésperas das Revoluções de 1848, Marx e Engels dizem o seguinte:

O limitado campo do movimento proletário daquele tempo (dezembro de 1847) está expresso na última parte do Manifesto: a posição dos comunistas em relação aos vários partidos de oposição nos diferentes países. A Rússia e os Estados Unidos, precisamente, não foram mencionados. Naquela época, a Rússia se constituía na última grande reserva da reação europeia, enquanto os Estados Unidos absorviam o excedente das forças proletárias da Europa que para lá emigravam. Ambos os países proviam a Europa de matérias-primas, assim como eram mercado para a venda de seus produtos industriais. De uma maneira ou de outra, eram, portanto, pilares da ordem europeia vigente (Marx & Engels In. Marx & Engels, 2013, p. 102)

1. Ao menos de sua versão dele.

No começo dos 1800s, a Sagrada Rússia era uma das abençoadas cabeças da hidra que escorraçou a profana *Grande Armée* de Napoleão. Em 1848, sem o exército cossaco do tsar Nicolau I, a reação europeia talvez teria sucumbido diante da pressão do movimento revolucionário. Esses eram apenas os principais feitos daquele exército escolhido por deus: na história europeia o czarismo várias vezes desempenhou papel central no teatro da reação europeia. Nas palavras de Engels em 1875, foi a Rússia quem “conseguiu sufocar, no ano de 1849, a revolução húngara, que já estava diante dos portões de Viena, e, no ano de 1850, ditar a sentença em Varsóvia sobre a Áustria, a Prússia e os pequenos Estados alemães, restabelecendo o velho *Bundestag* [Parlamento alemão]” (Engels In. Marx & Engels, 2013, p. 29).

Se em 48 a velha Albion² fora “o rochedo sobre o qual a contrarrevolução construirá sua igreja” (Marx, 2020, p. 109), a Rússia era seu chicote. “Heed ye, nations, and submit, for God is with us!” (Yarmolinsky, 1956, p. 54), teria declarado Nicolau quando nasceu a Segunda República Francesa. Em 48 e 49, a intervenção russa fora para a burguesia e a monarquia europeia a “única maneira de escapar do proletariado que despertava” (Marx & Engels In. Marx & Engels, 2013, p. 102), de modo que coroaram o velho Nicolau I “chefe da reação europeia” (Marx & Engels In. Marx & Engels, 2013, p. 102). A única participação da Rússia naquela época era no campo da contrarrevolução, estando no exército russo “a velha Europa representada e coalizionada” (MARX, 2020, p. 557). Quanto à produção russa, até a segunda metade do século, ela participava do mercado mundial apenas na condição de exportadora de grãos e de importadora dos produtos industrializados ingleses e franceses, dado que possuidora de uma indústria extremamente primitiva.

Mas a situação da Rússia entre 1848 e 1882 havia se transformado expressivamente. Se em 48-49 o tsar era o bastião da reação na Europa, em 1882 ele era “prisioneiro de guerra da revolução” (Marx & Engels In. Marx & Engels, 2013, p. 102) e a Rússia era “a vanguarda da ação revolucionária na Europa” (Marx & Engels In. Marx & Engels, 2013, p. 102). Aqui os autores fazem referência ao assassinato do czar Alexandre II em março de 1881 pelo Comitê Executivo da *Narodnaia volia*. Depois que

² Inglaterra

assumiu o trono do pai, Alexandre III tornou-se praticamente um recluso na fortaleza de Gatchina, sempre olhando por cima do ombro por medo dos revolucionários russos. Ainda que com o atentado de março de 1881 a *Narodnaia volia* não tenha conseguido dar início à revolução, o assassinato do czar não deixou de ser um momento decisivo para movimento revolucionário russo, colocando-o definitivamente no ‘mapa’ do socialismo europeu. Como a Rússia havia avançado no campo da revolução em menos de 40 anos!

O caso da Rússia era bastante ímpar dentre os europeus. “O *Manifesto Comunista* tinha como tarefa a proclamação do desaparecimento próximo e inevitável da moderna propriedade burguesa” (Marx & Engels In. Marx & Engels, 2013, p. 102), continuam os autores. Entretanto, aquela ‘moderna propriedade burguesa’, que já era então um corpo putrefato, em 1882 apenas começava a se colocar sobre seus próprios pés. Ou seja, a questão do comunismo ali assumia um colorido bastante peculiar, bem distinto do que víamos no restante da Europa e, principalmente, do que vemos no *Manifesto*, onde o tratamento de Marx e Engels parte de um elevado grau de abstração. Ao mesmo tempo que víamos na Rússia o “florescimento acelerado da velhacaria capitalista e da propriedade burguesa” (Marx & Engels In. Marx & Engels, 2013, p. 103), colocam os autores do Prefácio, “mais da metade das terras é posse coletiva dos camponeses” (Marx & Engels In. Marx & Engels, 2013, p. 103). Era algo que não se via no restante da Europa, onde a enorme maioria das terras coletivas já havia desaparecido há muito tempo, cedendo lugar à propriedade privada da terra. Assim, a questão na Rússia deveria ser colocada de maneira diferente, considerando essas complexidades. Marx e Engels colocam então qual seria o problema:

poderia a *obchtchina* russa – forma já muito deteriorada da antiga posse em comum da terra – transformar-se diretamente na propriedade comunista? Ou, ao contrário, deveria antes passar pelo mesmo processo de dissolução que constitui a evolução histórica do Ocidente? (Marx & Engels In. Marx & Engels, 2013, p. 103)

Trata-se justamente daquelas alternativas sobre as quais a revolucionária russa Vera Zasulich havia escrito a Marx um ano antes, que tanto atormentava os revolucionários socialistas da Rússia na época (Rubel, 1947, p. 2). Isto é, “a comuna rural, liberada das exigências desmesuradas do fisco, dos pagamentos aos donos das

terras e da administração arbitrária, é capaz de se desenvolver pela via socialista, quer dizer, de organizar pouco a pouco sua produção e distribuição de produtos sobre bases coletivistas” (Zasulich In. Marx & Engels, 2013, p. 66) ou “a comuna está destinada a perecer, ao socialista como tal não resta outra coisa senão dedicar-se a cálculos mais ou menos mal fundamentados para descobrir em quantas dezenas de anos a terra do camponês russo passará de suas mãos para as da burguesia” (Zasulich In. Marx & Engels, 2013, p. 66). E para os autores do *Manifesto Comunista*, a resposta para essa questão era que “se a revolução russa constituir-se no sinal para a revolução proletária no Ocidente, de modo que uma complemente a outra, a atual propriedade comum da terra na Rússia poderá servir de ponto de partida para uma evolução comunista” (Marx & Engels In. Marx & Engels, 2013, p. 103).

Note-se que, como fez Marx nos textos de 1878 e 1881, eles colocam como possível que a *obshchina* servisse como *point d'appui* nessa evolução comunista. Mas diferentemente do que temos naqueles textos, aqui Marx e Engels trazem de forma iniludível que, para que isso fosse possível, para além de uma revolução russa, era imprescindível também uma revolução proletária no Ocidente. Sem que houvesse a complementariedade entre as duas revoluções, não seria possível que a comunidade camponesa russa pudesse servir ao propósito assinalado.

Ao nosso ver, isso se relaciona diretamente com algo pontuado por Marx nos seus esboços de resposta à carta de Vera Zasulich, de 1881, onde o autor falava que, para que *obshchina* pudesse servir de ponto de partida para o revolucionamento da sociedade russa, era imperativo que os russos se apropriassem das capacidades produtivas engendradas pelo capitalismo no Ocidente. Como autor coloca no primeiro desses rascunhos, “graças à contemporaneidade da produção capitalista que ela pode se apropriar de todas as conquistas positivas e isto sem passar por suas vicissitudes desagradáveis” (Marx In. Marx & Engels, 2013, p. 74), a comuna agrícola russo poderia se “livrar gradualmente de suas características primitivas e se desenvolver diretamente como elemento da produção coletiva em escala nacional” (Marx In. Marx & Engels, 2013, p. 74). Entretanto, nesses rascunhos, Marx não entra exatamente no como poderia a *obshchina* se “apropriar dos frutos com que a produção capitalista enriqueceu a

humanidade sem passar pelo regime capitalista” (Marx In. Marx & Engels, 2013, p. 78), se seria possível essa incorporação coletiva quando esses frutos não tivessem eles mesmos sido coletivizados no Ocidente pelo proletariado nos parece um tanto improvável. Ao nosso ver, aqui temos nossa resposta: a comuna agrícola russa só poderia ser o ponto de partida do revolucionamento da sociedade russa se uma revolução russa servisse de sinal para uma revolução proletária nos países em que a produção capitalista estivesse bem desenvolvida, de modo que uma complementasse a outra. Apenas assim seria possível que a *obshchina* “tocasse de pele sem se suicidar” (Marx In. Marx & Engels, 2013, p. 92).

Entretanto, alguns intérpretes discordam dessa interpretação. Por exemplo, o marxólogo japonês Haruki Wada chega até mesmo a questionar se o prefácio de 1882 teria sido efetivamente escrito por Marx *E* Engels, e não apenas por um dos dois — no caso, apenas de Engels. Wada o defende por considerar que, enquanto Engels teria sido bastante inequívoco em seus dois textos sobre o movimento revolucionário na Rússia no fim do século XIX (quinto artigo da *Literatura de Refugiados*, de 1875, e o posfácio à *Questão Social na Rússia*, de 1894) que “o exemplo e o apoio ativo do Ocidente até agora capitalista constitui uma condição incontornável” (Engels In. Marx & Engels, 2013, p. 110) para que a permanência de formas comunais arcaicas como a Rússia serviriam para abreviar o “processo de desenvolvimento até a sociedade socialista e resguardar-se da maior parte dos sofrimentos e lutas que nós, na Europa ocidental, só com muito esforço conseguimos superar” (Engels In. Marx & Engels, 2013, p. 110), Marx não teria sido tão claro quanto a isso. Segundo Wada, nem na carta ao Comitê Editorial da revista russa *Otechestvennye zapiski*, de 1877-78, nem nos rascunhos de sua carta a Vera Zasulich, de 1881, Marx não colocaria a questão da necessidade de complementariedade de uma revolução russa com uma revolução proletária nos países propriamente capitalistas. Nas palavras do marxólogo japonês,

não há referência aqui a uma revolução proletária na Europa ocidental. [...] [H]á uma mudança marcante na sua percepção do caminho no qual o Ocidente avançado serve como condição para uma revolução russa. Antes ele esperava que uma vitoriosa revolução proletária na Europa Ocidental e a ajuda material dessa revolução constituíssem uma condição importante para uma revolução na Rússia, mas a partir de então encontra uma condição essencial nos avanços tecnológicos do capitalismo, bem como na crise da produção capitalista (Wada, 2017, p. 110).

Wada considera, portanto, que nesses rascunhos de 1881, Marx não estaria assinalando uma revolução proletária vitoriosa como condição para a regeneração social da Rússia, ao menos não da mesma forma de 1878. Para o autor japonês, os rascunhos de 1881 só trariam como condição para essa regeneração os avanços materiais produzidos pelo capitalismo e a crise desse modo de produção, sem que a Europa ocidental tivesse que ter passado antes por uma revolução proletária. Wada fala ainda que, em 1881, Marx anteciparia que

mesmo se a revolução russa fosse vitoriosa e a regeneração da vida russa acontecesse com base nas comunas rurais, isso poderia não ser seguido imediatamente por revoluções em outros países da Europa. Isso parece bem relacionado com a visão pessimista que ele então sustentava sobre a possibilidade de uma revolução alemã na época da lei de Bismarck, que colocava o socialismo na ilegalidade (Wada, 2017, p. 112).

Assim, quando lemos no prefácio de 1882 à tradução russa do *Manifesto Comunista* que “se a revolução russa constituir-se no sinal para a revolução proletária no Ocidente, de modo que uma complemente a outra, a atual propriedade comum da terra na Rússia poderá servir de ponto de partida para uma evolução comunista” (Marx & Engels, 2013, p. 103), isso expressaria apenas o posicionamento apenas de Engels, não de Marx. Em *El ultimo Marx*, o argentino Enrique Dussel defende coisa parecida, afirmando que o prefácio de 1882 seria um compromisso entre Marx e Engels, uma vez que, enquanto Engels (na visão de Dussel) defenderia que uma revolução socialista só poderia ser liderada pelo Ocidente, Marx jamais teria afirmado tal coisa. Segundo Dussel,

Para Engels, como hemos visto en su respuesta a Tkachov, la revolución socialista sólo puede estar liderada por Occidente, porque allí hay propiamente proletariado y burguesía. Por ello, aunque haya revolución rusa — concesión de Engels a Marx — no puede realmente cumplir con sus fines sino hay simultáneamente al menos — y cualitativamente en la vanguardia — una revolución en Occidente — condición que Marx nunca incluía en su diálogo con los populistas (Dussel, 1990, p. 262)

Em que pese da argumentação de Wada (e de Dussel), não consideramos que existam evidências suficientemente convincentes para isso. Ora, sabe-se bem o quão metucioso Marx foi durante toda a vida em relação aos materiais que escrevia para publicação, de modo que precisamos nos indagar por que ele teria assinado um texto que não expressava sua posição própria. Além disso, em uma carta de Engels para Nikolai Danielson datada de 24 de fevereiro de 1894 o autor fala no prefácio de 1882, dizendo “our author [Marx] said in a certain preface to a certain old manifesto, in

January 1882”³ (Engels *In. MECW v. 50d*, 2010, p. 110). Assim, se seguirmos as palavras de Engels — o que parece mais seguro do que seguir as especulações de intérpretes — e se fôssemos questionar a autoria conjunta do texto, seria mais razoável considerar o prefácio de 1882 como de autoria apenas de Marx do que apenas de Engels.

Ademais, em cartas de Marx dos 1870, sempre que o autor do *Capital* tratava de uma possível revolução na Rússia, ele sempre o fazia tratando também da revolução proletária europeia. Por exemplo, em uma carta para o socialista francês e combatente da Comuna de Paris, Jules Guesde, Marx disse o seguinte:

Estou convencido de que a revolução em sua forma explosiva partirá dessa vez não do Ocidente, mas do Oriente — da Rússia. Ela reagirá inicialmente sobre os dois outros despotismos graves [ilegível], a Áustria e a Alemanha, onde um desenvolvimento violento se tornou uma necessidade histórica. É da mais elevada importância que no momento dessa crise geral, a Europa encontre o proletariado francês já constituído em um partido operário e pronto a desempenhar seu papel (Marx, 2024, p. 576).

Como se pode reparar, Marx estava convencido de que a próxima revolução partiria da Rússia em uma forma explosiva, jacobina, e que ela logo se espalharia para a Áustria e para a Alemanha, sendo que o proletariado francês haveria de desempenhar papel central nessa crise geral. Em outras palavras, a revolução explosiva na Rússia serviria de sinal para a revolução proletária europeia, na qual o proletariado francês haveria de assumir papel chave. Assim, parece-nos incontestável que quando Marx trata de uma revolução russa, ele considerava-a sempre em conjunto de uma revolução proletária no Ocidente, nunca colocando a questão revolucionária com uma perspectiva meramente nacional.

Por demais, quando Marx nos esboços de 1881 fala na possibilidade de os russos se apropriarem dos desenvolvimentos de forças produtivas gerados pelo capitalismo sem ter que passar necessariamente pelo capitalismo, não estava ele

3. Nosso autor [Marx] disse em um certo prefácio a um certo velho manifesto, em janeiro de 1881 (tradução nossa)

justamente a apontar para o caráter mundial das relações capitalistas?⁴ Como poderia a Rússia ingressar no caminho dessa evolução comunista enquanto a Europa ocidental fosse ainda capitalista? O próprio Engels coloca esse questionamento no posfácio de 1894 a *Questões sociais da Rússia*, em que ele indaga “como ela poderia apropriar-se, enquanto propriedade social e instrumento, das gigantescas forças produtivas da sociedade capitalista antes mesmo de a sociedade capitalista ter consumado essa revolução?” (Engels *In. Marx & Engels*, 2013, p. 109). Não é que estejamos atribuindo uma identidade entre os pensamentos dos dois autores, mas não podemos ignorar que as evidências apontam muito mais fortemente para a ideia de que existia um certo consenso entre os autores acerca da relação de uma possível revolução russa e a revolução proletária europeia. Ademais, embora não tenhamos provas, não seria absurdo considerar que Marx tenha feito a mesma indagação que Engels coloca em 1894. Atrevemo-nos até mesmo a sugerir que o absurdo seria pensar que Marx não faria questionamento semelhante.

Podemos ainda recorrer à argumentação desenvolvida por Paresh Chattopadhyay contra essa tese de Haruki Wada. Como Chattopadhyay aponta, embora não haja nos rascunhos menção explícita à revolução proletária no Ocidente, “a careful reading of Marx’s drafts shows that the question of a ‘proletarian revolution’ in the West as an aid to the peasant revolution in Russia is very much present there, though the specific term is not there”⁵ (Chattopadhyay, 2017, p. 9). Isso na medida que, como aponta Chattopadhyay, quando Marx fala no fato de a *obshchina* ser testemunha da crise fatal do capitalismo, a qual “terminará com a sua eliminação, com o retorno das sociedades modernas a uma forma superior de um tipo “arcaico” da propriedade e da produção coletivas” (Marx *In. Marx & Engels*, 2013, p. 78), o autor de *O Capital* estaria apontando para

4. “Apropriando-se dos resultados positivos desse modo de produção, ela [a comuna agrícola russa] está, portanto, em condições de desenvolver e transformar a forma ainda arcaica de sua comuna rural em vez de destruí-la. [...] Se os adeptos do sistema capitalista na Rússia negarem a possibilidade de tal combinação, que eles provem que, para explorar as máquinas, a Rússia foi obrigada a passar pelo período de incubação da produção mecânica! Que me expliquem como conseguiram introduzir entre si em alguns dias, por assim dizer, o mecanismo de trocas (bancos, sociedades de crédito etc.) cuja elaboração custou séculos ao Ocidente” (Marx *In. Marx & Engels*, 2013, p. 86).

5. *Uma leitura cuidadosa dos rascunhos de Marx mostra que a questão da 'revolução proletária' no Ocidente como uma ajuda à revolução camponesa na Rússia está presente lá, embora o termo específico não esteja* (tradução nossa).

a situation of acute contradiction between the relations of production and the material forces of production within western capitalism ending in a “fatal crisis” of the whole system and leading to its elimination and its substitution by a society of a higher type obviously only possible through a revolution by its “labouring masses,” that is, the proletariat (Chattopadhyay, 2017, p. 10)⁶.

Assim, o intérprete aponta que quando Marx fala na crise fatal do capitalismo e sua substituição por uma forma superior, ele estaria se referindo à revolução proletária, eis que Marx aponta para essa revolução como o único caminho para essa evolução. Em outras palavras, se a revolução proletária é o pressuposto para esse “retorno das sociedades modernas a uma forma superior de um tipo ‘arcaico’ da propriedade e da produção coletivas” (Marx *In*. Marx & Engels, 2013, p. 78), a revolução na Rússia não poderia ocorrer sem a vitória de uma revolução do proletariado nos países capitalistas, uma vez que dependeria da coletivização das forças produtivas desenvolvidas pelo capitalismo.

Mas que fique claro: essa ênfase colocada por Marx no proletariado enquanto agente revolucionário de modo algum converte essa classe em uma espécie de objeto de adoração, como adverte J. Chasin (2017, p. 39). Era a condição dessa classe como uma “uma esfera que possua um caráter universal mediante seus sofrimentos universais” (Marx, 2010, p. 156), uma classe que não reivindica “nenhum direito particular porque contra ela não se comete uma injustiça particular, mas a injustiça por excelência, que já não possa exigir um título histórico, mas apenas o título humano” (Marx, 2010, p. 156). Isso porque — e esse ponto é essencial — a revolução proletária era para Marx a chave para a emancipação humana, como o meio da afirmação universal do homem, e não como meio de afirmação de uma classe supostamente universal (Chasin, 2017, p. 39). Marx considerava que a emancipação humana se realizaria por meio da revolução proletária porque ela era a classe que “não pode se emancipar sem se emancipar de todas as outras esferas da sociedade e, com isso, sem emancipar todas essas esferas — uma esfera que é, numa palavra, a perda total da humanidade e que, portanto, só pode ganhar a si mesma por um reganho total do homem” (Marx, 2010, p. 156). Dito de outro modo “não é a afirmação do proletariado como classe universal, mas da universalidade

6. *Uma situação de contradição aguda entre as relações de produção e as forças materiais de produção dentro do capitalismo ocidental, terminando em uma “crise fatal” de todo o sistema e levando à sua eliminação e sua substituição por uma sociedade de um tipo superior; obviamente, só possível por meio de uma revolução de suas ‘massas trabalhadoras’, isto é, o proletariado* (tradução nossa).

da negação de sua condição de classe, de classe que não é mais uma classe da sociedade civil” (Chasin, 2017, p. 39), isto é, sua condição de “classe negada [...] que se configura como mediação para a afirmação da universalidade humana” (Chasin, 2017, p. 39).

Conforme salientado por Chasin (2009, p. 62), desde 43/44, núcleo propulsor da atividade intelectual e política de Marx passa a ser sempre “a revolução radical, a emancipação humana universal” (Marx, 2010, p. 154), a afirmação da universalidade do homem, “de sorte que sua “universalidade” é a dissolução universal das formas de dominação, e não ser o agente de uma dada forma de dominação” (Chasin, 2017, p. 40). Esse “é o télos onímoto, permanente” (Chasin, 2009, p. 62) para Marx. Eis aqui a razão pela qual não podemos afirmar que Marx tratava em 1881 da perspectiva de uma revolução socialista apenas na Rússia, sem considerar a revolução proletária europeia e a conexão imprescindível entre elas, uma vez que a questão fundamental para Marx em momento algum deixou de ser a emancipação humana. A emancipação de um povo estava sempre conectada à perspectiva universal da emancipação do gênero humano e isso não é diferente no que toca a revolução na Rússia — ou, para todo efeito, em qualquer lugar.

Referências bibliográficas

- CHASIN, J. *Marx, estatuto ontológico e resolução metodológica*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- CHASIN, J. Democracia política e Emancipação Humana. *Verinotio*, v. 1, 2013, pp. 22-27.
- CHASIN, J. Excertos sobre revolução, individuação e emancipação humana. *Verinotio*, v. 23, n. 1, abril de 2017, pp. 10-105.
- CHATTOPADHYAY, P. *Marx and progress: Capital, the Progenitor of Socialism: Progress as the Dialectic of Negativity In the Critique of Political Economy*. 2017. Disponível em: <https://www.marxists.org/subject/marxmyths/paresh-chattopadhyay/progress.htm>.
- DANIELSON, N. *et al. Karl Marx, Nikolai F. Danielson, Friedrich Engels: Correspondencia 1868-1895*. José Aricó (org.). Cerro del Agua: Editora Siglo Veintiuno, 1981.

- DEL ROIO, M. Marx e a questão do Oriente”. In: *Marxismo e Oriente: quando as periferias se tornam os centros*. Marcos Del Roio (org.). São Paulo: Editora Ícone, 2008.
- DUSSEL, E. *El último Marx (1863-1882) y la liberación latinoamericana: un comentario a la tercera y a la cuarta redacción de “El Capital”*. Cerro del agua: Editora Siglo veintiuno, 1990
- FARIA, L. *Marx e a Rússia Revolucionária*. Tese (Doutorado em Filosofia). Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG. Belo Horizonte, 2017.
- HERZEN, A. Literatura e pensamento social depois do 14 de dezembro de 1825. In. GOMIDE, B (org.). *Antologia do Pensamento crítico russo (1802-1901)*. São Paulo: Editora 34, 2013. pp. 163-186
- MARX, K & ENGELS, F. *The Russian Menace to Europe*. Blackstock & Hoselitz (orgs). Glencoe: The Free Press, 1952.
- MARX, K & ENGELS, F. *O Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MARX, K & ENGELS, F. *Marx Engels Collected Works*, v. 16. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010a.
- MARX, K & ENGELS, F. *Marx Engels Collected Works*, v. 40. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010b.
- MARX, K & ENGELS, F. *Marx Engels Collected Works*, v. 41. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010c.
- MARX, K & ENGELS, F. *Marx Engels Collected Works*, v. 50. Londres: Editora Lawrence & Wishart, 2010d.
- MARX, K & ENGELS, F. *Luta de Classes na Rússia*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, K & ENGELS, F. *Cartas sobre O Capital*. São Paulo: Expressão Popular, 2020.
- MARX, K. *Crítica a Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Editora Boitempo, 2010.
- MARX, K. Carta à Jules Guesde, 10 de maio de 1879. *Verinotio*, v. 29, n. 2, jul-dez. 2024, pp.
- MARX, K. *O Capital*, livro I. São Paulo: Editora Boitempo, 2017a.
- MARX, K. *Últimos escritos econômicos*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- MUSTO, M. *O Velho Marx*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- MUSTO, M. *Karl Marx: uma biografia intelectual e política (1857-1883)*. São Paulo: Expressão Popular, 2023.

RUBEL, M. *Karl Marx et le socialisme populiste russe*. Paris: Librairie Marcel Rivière et Cie, 1947.

SHANIN, T. *Marx e a Via Russa*. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2017.

TVARDOVSKAIA, V. *El populismo ruso*. Cidade do México: Editora Siglo veintiuno, 1978.

VENTURI, F. *Roots of Revolution: A History of the Populist and Socialist Movements in Nineteenth Century Russia*. Nova Iorque: Alfred A. Knopf Publishers, 1960.